

“De dia falta água, de noite falta luz”: trajetórias e experiências dos primeiros moradores do Conjunto Habitacional Prefeito José Walter (1970 -1982)

Marise Magalhães Olímpio*

Resumo

Este texto procura discutir como os moradores do Conjunto Habitacional Prefeito José Walter, criado em 1970, lidavam com as dificuldades vivenciadas e que meios criavam para tentar solucioná-las, dando ênfase ao problema do abastecimento d'água.

Palavras – chave: Água – Sociabilidades - Conjunto Habitacional Prefeito José Walter.

Resumé

Ce document vise à examiner comment les résidents de Groupe Logement Maire José Walter, créé en 1970, ont traité de les difficultés rencontrées et quoi les moyens ont créé pour essayer de les résoudre, en mettant l'accent sur le problème de l'approvisionnement en eau.

Mots - clés: Eau – Sociabilités - Groupe Logement Maire José Walter

Introdução

A água foi domesticada, tornou-se mais um produto a ser comercializado. Hoje para termos acesso a ela basta realizar um gesto de rotação no sentido horário e ela jorra seja de uma torneira, de um chuveiro ou qualquer outro instrumento moderno criado com o objetivo de nos dar mais “comodidade”. Antes, presente em rios, cacimbas, lagoas e bicas naturais da cidade, as pessoas eram capazes de compreender através da observação, e da própria participação no processo, o caminho que a água percorria até que esta fosse consumida. A partir do momento que esta foi canalizada e passou-se a cobrar pelo conforto de tê-la em casa já higienizada, perdeu-se este conhecimento. Será? Felizmente a história não é linear, num mesmo espaço podemos observar diversas temporalidades se entrecruzando e perceber que quando se faz necessário as pessoas podem (se tiverem conhecimento para tal) recorrer a estes métodos mais trabalhosos, mas que demandam menos custo, para resolver de maneira imediata um determinado problema, como a falta de água.

“A gente tinha até um lema: De dia falta água, de noite falta luz... Mas era verdade, a gente tinha que cavar cacimba pra tirar água pra beber. Tinha luz, mas não era em todo canto, faltava energia... dava problema porque num tava tudo terminado. A terceira etapa onde a gente morava, na minha rua só tinha nós de morador, né, num tinha nada. Os ônibus, tinha um ônibus que vinha Mondubim – Siqueira, tinha só esse ônibus que fazia a rota pelo Siqueira e vinha pra cá. (...) Então era muito difícil. Mas como era a esperança de ter a nossa casa própria a gente enfrentou, porque pagar aluguel naquela época já era difícil.”¹

* Desenvolve pesquisa na Universidade Federal do Ceará como aluna do Mestrado em História Social.

¹ Entrevista com Lucimar Gomes de Almeida em 05.06.08, Voluntária da Associação do Micro e Pequeno Empresário do José Walter. Chegou a Fortaleza em 1967, moradora do bairro desde 1971.

A família de Dona Lucimar foi umas das muitas que deixaram o interior do estado do Ceará, no contexto de acirramento do processo de urbanização, ocorrido na segunda metade do século XX, e veio morar na capital em busca de melhorias de vida, dentre estas a obtenção de uma casa própria. Anseio que fazia parte do imaginário destes que chegavam à cidade, pois segundo o documento *As migrações para Fortaleza* elaborado em 1967, o desejo de possuir uma casa própria só perdia em importância para o desejo de empregar-se (Ver Santiago, 2002, p.120). Para muitos, Fortaleza seria o lugar para resolução de todos os males, onde parecia ser possível inserir-se dentro do mercado de trabalho, o que proporcionaria acesso a bens julgados inadquiríveis no lugar de origem.

Dona Lucimar veio de Quixeramobim² para Fortaleza em 1967, ainda criança acompanhando seus pais. Moraram inicialmente de aluguel no bairro do Jóquei Clube, e posteriormente, com a criação em 1970 do, até então, maior conjunto habitacional de Fortaleza, o “Prefeito José Walter”, conseguiram obter a sua casa própria a partir do pagamento de pequenas parcelas mensais. Muitas outras famílias de migrantes perfizeram trajetória semelhante.

O Conjunto José Walter (como será chamado daqui em diante) era deficiente em diversos aspectos: ineficiente fornecimento de água e energia, precariedade dos meios de transporte, e para além do que contou a moradora, ele ainda carecia de escolas, mercados, posto de saúde, dentre outros. Aqui, buscaremos compreender como essas pessoas lidavam com tais circunstâncias, e como desenvolveram meios para tentar amenizar estas “adversidades”, analisando suas trajetórias de vida, as experiências no local de origem, como também, as experiências compartilhadas no Conjunto.

Podemos identificar, a partir do que narra D. Lucimar, que uma das opções para solucionar o problema da falta de água, ao qual iremos nos dedicar neste artigo, foi a construção de cacimbas residenciais pelos moradores. Mas antes cabe esclarecermos porque este problema se dava.

Como a maioria dos conjuntos financiados pelo Banco Nacional da Habitação – BNH, as casas do Conjunto José Walter não eram iguais, existiam cinco modelos de casas, A, B, C, D e M. No caso específico deste, as casas de tipo A, B, C, que eram a grande maioria das 4.774 residências construídas, não tinham caixa d’água, daí serem mais baratas e destinadas aos mutuários de menor poder aquisitivo. Já a de tipo “D”, além de possuir caixa

² Cidade localizada no sertão central do Ceará, a 203 km de Fortaleza.

d'água, era forrada. E a de tipo “M” era dúplex, possuindo um ponto comercial no térreo e caixa d'água, destas foram construídas somente 24 unidades em todo o Conjunto.

Os moradores que não possuíam caixa d'água, só tinham água na torneira à noite, quando chegava a água encanada. Alguns chegaram a construir caixa d'água, mas muitos preferiram construir cacimbas, pois estas forneciam acesso ininterrupto à água gratuita. Os que não construíam cacimbas, seja por condição financeira, por falta de conhecimento técnico, ou por opção, tinham que guardar a água que iriam utilizar durante o dia. Para tanto, podiam construir reservatórios³ ou simplesmente armazená-la em baldes, “tambores” ou vasilhas. Porém, quando a água armazenada acabava (seja dos baldes, do reservatório ou da caixa d'água) se tornava necessário recorrer a algum vizinho que tivesse possibilidade e vontade de cedê-la. Como se dava essa interação entre os moradores será o nosso enfoque.

Percebemos durante a nossa pesquisa que os estudos sobre aglomerações urbanas, sejam bairros, ocupações ou conjuntos habitacionais, tendem a tratar os moradores de forma homogênea, mas no caso do “José Walter”, atentamos para a existência de fronteiras simbólicas entre esses moradores. O que observaremos é que num lugar onde a existência de “valores do campo” é perceptível, os conflitos entre estes e os valores que a urbanidade exige estarão presentes.

A água: criadora de interações sociais

Em 12 de maio de 1977, o Presidente Ernesto Geisel chega a Fortaleza com o objetivo de participar de quatro inaugurações de prédios públicos no estado, dois deles em Fortaleza, sendo estes o novo prédio da Assembléia Legislativa e o Centro Social Urbano Adauto Bezerra (CSU) localizado no José Walter. No jornal Tribuna do Ceará muitas são as empresas e instituições que escreveram notas de boas vindas ao Presidente. O mesmo se repete no dia 13 de maio, dia da partida de Geisel, agora para desejar-lhe uma boa viagem de retorno a Brasília. Dentre toda esta disputa por espaços propagandísticos no jornal e notícias que detalhavam o itinerário do Presidente, uma nota intitulada “Mondubim volta a ficar sem água” chama a atenção.

Em consequência das últimas chuvas, rompeu-se na manhã de ontem um cano da adutora da Abreulândia, à altura da lagoa da Precabura, nas imediações de Mecejana, comprometendo seriamente o abastecimento d'água para o Conjunto Habitacional Prefeito José Walter em Mondubim, onde habitam aproximadamente 5 mil famílias, afora estabelecimentos industriais e comerciais.⁴

³ Eram parecidos com cacimbas, formados por anéis de cimento no qual as pessoas armazenavam a água que iam utilizar durante o dia.

⁴ Biblioteca Pública Meneses Pimentel – BPMP. *Mondubim volta a ficar sem água*. Tribuna do Ceará. Fortaleza, 13 de maio de 1977. p.10

Muito provavelmente a ida do Presidente ao José Walter, fez com que a imprensa tomasse conhecimento do problema e lhe desse algum destaque. Hoje percebemos nas entrevistas que a lembrança da ida do Presidente só é presente na memória daqueles que estavam engajados no movimento comunitário do bairro. Para os demais moradores parece não ter ganhado muito significado, talvez porque estivessem se preocupando com outras questões mais relevantes no seu cotidiano, que a ida de autoridades importantes para o bairro, como a resolução do problema de abastecimento d'água.

O jornal do dia seguinte, 14 de maio de 1977, traz mais uma notícia sobre o caso, porém agora de forma mais detalhada, contendo fotos das pessoas carregando baldes com água, como também entrevistas com os moradores do bairro, que serão aqui exploradas, pois através destas, poderemos entender como eles se viam dentro do processo do qual faziam parte, uma vez que, neste caso, deixaram transparecer seus sentimentos, suas indignações, seus conflitos, assim como, seus valores e seus costumes.

Comum às respostas sobre a situação vivida no Conjunto é o esclarecimento de que o problema da água é algo constante no bairro, que o rompimento da adutora só veio a agravá-lo, como nos conta D. Rejane Oliveira Palmeira em 14 de maio 1977:

As coisas já são difíceis com o método de distribuição, imagina se isto é prolongado. Para os serviços de lavagem de roupa a gente apanha em cacimbas, às vezes dá para remediar. Para beber e pra alimentação, são outros cem mil reis. O que temos de fazer é deixar a vergonha de lado e pedir nas torneiras das vizinhas.⁵

Podemos deduzir a partir do que Dona Rejane relata que ela não possuía nenhum meio de acesso à água em sua residência. Chama a atenção essa distinção entre água própria ou não para o consumo, denotando um discernimento, que não aparece nas falas dos demais moradores nesta matéria, nem nas entrevistas realizadas hoje, basta lembrar do que D. Lucimar nos conta: *a gente tinha que cavar cacimba pra tirar água pra beber*. Mais relevante ainda para nós é observar que para D. Rejane obter água da torneira, ela teria que “deixar a vergonha de lado” e pedir às vizinhas. Assim, a falta de água fazia com que os moradores precisassem recorrer um ao outro, criando uma interação entre os habitantes do Conjunto. Fica implícito, porém, que esta relação não era de todo harmoniosa, principalmente quando se tratava da cessão da água da torneira.

No entanto, podemos compreender porque este ato era mais complexo, visto que, enquanto a cacimba seria uma fonte quase que inesgotável de água, a que saía da torneira

⁵ BPMP. “Água continua sendo problema no Conjunto Prefeito José Walter”. Tribuna do Ceará, Fortaleza, 14 de maio de 1977, p.10.

estava numa caixa d'água e quando esta era cedida, estava-se retirando a possibilidade do seu usufruto pelo do dono da caixa em prol do outro, e ainda se pagando por isso.

De tal modo, como seria a experiência de quem possui caixa d'água com relação à falta de água no Conjunto? Observemos o que fala, na mesma matéria de jornal (1977), a dona Maria das Graças da Silva:

sei que está faltando água, porque a todo instante é passando gente carregando baldes, latas. Aqui em casa estamos resistindo, porque temos uma caixa, mas é poupando toda hora, visto que não sabemos até quando vai ficar com o problema no Conjunto. No lado da terceira etapa é feia a situação do pessoal. A água nunca chega nas residências, isto no inverno. No verão a coisa fica preta. Quando as casas tem caixa, a água não sobe. Às vezes, mal chega numa torneira da pia, é preciso colocá-la quase rente ao chão. Há oito anos moro no Conjunto e toda vida foi este negócio de falta d'água.⁶

Para D. Maria as pessoas que passavam carregando baldes e latas era o indicativo de que era necessário poupar água, pois se não o fizesse, posteriormente poderia ser ela a estar carregando vasilhames, visto que na situação em questão, não se sabia quando o problema do cano rompido seria solucionado. Mas com a situação normalizada, ou seja, a água chegando geralmente toda noite, D. Maria cederia água da caixa aos demais moradores?

O problema da terceira etapa, lembrado ainda hoje nas entrevistas, se dava por esta possuir um terreno mais elevado que o restante do bairro, e os moradores afirmam que a água não tinha “força” para subir até lá. Foram construídas inclusive caixas d'água, exclusivamente para esta etapa, mas que nunca chegaram a funcionar, devido à mesma impossibilidade.

A matéria do jornal continua a apresentar as falas dos demais moradores, dando a eles o papel de denunciar a situação em que se encontravam, possivelmente imbuída de um desejo de demonstrar imparcialidade. Desse modo, nos traz o relato de Dona Terezinha Rocha de Oliveira no qual perceberemos, mais claramente, as tensões em torno da água.

Toda vez que falta água o pessoal vem aqui em casa apanhar na torneira do quintal. (...). Eu tenho muitas fruteiras no quintal, zelo pelas minhas plantas com o maior cuidado do mundo. Quando falta água tem gente que não entende e manda crianças vir aqui, então estragam tudo, inclusive já me deram prejuízos de peças de motor, prejuízo grande. O meu marido é que não gosta de ver gente entrando e saindo nesta confusão, mas eu gosto de servir os amigos, tenho prazer nisso. Já pensou uma casa com crianças e nenéns, tendo que lavar fardamentos, fazer comida na hora certa, sem um pingão d'água? É de deixar uma dona de casa louca. Pertinho de casa tem uma cacimba na calçada mas a dona da casa que mandou construir não permite que ninguém puxe água. É até fechada com cadeado. Desta vez o pior é que os moradores não foram avisados, se isto acontece, a gente guarda um pouquinho e fica poupando.⁷

⁶ Idem
⁷ Idem.

Assim, num perceptível sentimento de empatia e solidariedade, D. Terezinha fala do seu contentamento em poder ajudar o outro, no entanto não deixa de ressaltar prejuízos causados, com o estrago das plantas e quebra de motor, como também o incômodo causado ao marido devido à perda de privacidade. Não esqueçamos também da vizinha de Dona Terezinha que tendo construído sua cacimba na calçada, um lugar público, colocava cadeado nela na tentativa de impedir que os moradores tivessem acesso à água, que, conseqüentemente, julgava ser dela. A partir do exposto, podemos sugerir que alguns moradores que tinham acesso a água, não se sentiam obrigados a distribuí-la e se o fizessem estabeleciam relações de poder.

Na fala de Dona Terezinha, ainda nos chamou atenção a relação estabelecida com as suas fruteiras. Hoje nas entrevistas muitas pessoas falam que utilizavam o quintal das casas para plantio de árvores frutíferas e de ervas medicinais, atividade em que a utilização da água é essencial, como exemplo, voltemos com Dona Lucimar:

A gente tinha uma horta, tinha mamão, banana e as verdurinhas. A minha mãe fazia um canteiro, a gente tem até foto da época do meu pai cuidando da horta. Era muito bom, a terra daqui é muito boa. (...) A gente tinha aqueles remédios caseiros, era malva-santa, corama, malvarisco, hortelã, que a mamãe adora hortelã, essas coisas que a gente fazia chá em casa, né.

No caso de Dona Lucimar podemos perceber que este plantio trata-se de um hábito de seus pais, possivelmente trazido do lugar de origem, Quixeramobim. No caso de dona Terezinha não podemos saber a origem deste hábito, mas sabemos que as condições do lugar demandavam o desenvolvimento de tais práticas, denominadas rurais, como a construção de cacimbas para se ter acesso constante a água, como também a plantação de árvores frutíferas ou ervas medicinais, para se ter mais fácil acesso a alimentação e a remédios. Procedimentos que tiveram sua reprodução facilitada pelo próprio espaço, visto que o solo era fértil, pois antes de ser construído o Conjunto o território era de mata virgem⁸, como também possuía um lençol freático bastante raso, devido ao Conjunto ser circundado por lagoas. Sobre esta relação estreita entre cultura e território, Milton Santos (2007, p.81) afirma que “a cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e seu meio, um resultado obtido por intermédio dos próprios processos de viver.” Desta forma a partir da relação com as demandas deste novo espaço, recria-se ou cria-se condições para se melhor habitar.

⁸ Antes da existência do bairro, o dono da terra, Sr. Casimiro Montenegro, tinha como atividade econômica a venda de madeira do lugar, processo que os mais antigos designam como “desmatamento”.

Entretanto, a falta de água não era vista como de todo um mal, outros agentes desse processo, presente nas lembranças dos moradores são as “lavadeiras da lagoa”, mulheres que ganhavam seu sustento a partir da lavagem de roupa e que, de certa forma, se beneficiavam da escassez de água, pois, como lavar roupa em casa demandava grande quantidade deste líquido, era preferível economizá-lo e pagar alguém para realizar este trabalho na lagoa, fonte de água abundante e gratuita.

Melhor ainda era quando não era necessário pagar por essa lavagem de roupa, isso acontecia quando alguém de casa se disponibilizava a ir lavá-las. Assim, os mais jovens, com este ensejo, aproveitavam para se divertir tomando banho nas águas lagoa. Como nos conta D. Lenita⁹ :

Quando faltava água, era a nossa, como é que se diz, era o nosso lazer. Porque tinha essa minha prima que morava aí, ela sempre lavava também. Era dia de sábado, a gente sempre gostava mais de ir era sábado. A gente fazia aquela trouxa, botava na bacia, botava na cabeça. Ia de biquíni já preparada pra tomar banho depois, que a roupa tivesse enxugando, porque a gente já vinha com a roupa enxuta. Enquanto ela tava enxugando, a gente tava tomando banho. Mas era muito divertido, o pessoal levava, tipo aqueles pique-nique, o pessoal levava comida, bebida (...). Tinha até carro, o pessoal botava uns carros lá.

Desta maneira, os encontros nas lagoas eram um importante momento de sociabilidade, tanto para as lavadeiras como também para os mais jovens. Eram também uma maneira destes criarem uma relação com o espaço, como também criarem relações entre eles enquanto moradores do Conjunto.

Dona Lenita, apesar de ter nascido em Fortaleza, ficou maravilhada ao chegar ao Conjunto e se deparar com o chuveiro que saía água, pois no bairro onde morava, o Floresta, “a água era na bomba”. D. Lenita fazia parte dos 85%¹⁰ dos moradores da COHAB¹¹ que consumiam anteriormente água de “poços instantâneos ou cacimbas”, situação que não se alterou muito com a obtenção da casa no Conjunto José Walter, construído pela Companhia. Confirmamos então, que apesar de todo o ideário de modernidade, outros lugares da cidade também demandavam a construção de cacimbas para se ter acesso a água.

Desde os primeiros anos após a fundação do Conjunto, 1970, que encontramos, seja em anuários, mensagens do governo ou jornais, notícias referentes à tentativa de se resolver a questão do fornecimento de água no Conjunto José Walter. No entanto o problema perdurou, aproximadamente, por 12 anos. Ao que parece, foi solucionado no governo de

⁹ Entrevista com Maria Lenita de Oliveira, 49 anos, em 30.05.2008, nascida em Fortaleza e moradora do bairro desde 1970.

¹⁰ BPMP. Anuário do Ceará, 1971. p.94.

¹¹ Companhia de Habitação (COHAB) de capital misto, exigida pelo BNH, responsável pelo planejamento e execução dos projetos habitacionais no Estado.

Virgílio Távora, momento que foi comemorado com o que ficou conhecido no bairro como “Festa da Água”. Como nos conta o Sr. Medeiros¹²:

Foi a festa da água, a chegada da água no José Walter. Ele abriu as turbinas lá, foi água muita, começou mais ou menos sete da noite, oito horas. Foi muito bonita, ele veio, inaugurou... aí foi onde melhorou, porque antigamente a nossa água vinha da Abreolândia, água de poço lá da praia da COFECO¹³, antiga né, vinha de lá nuns “canozin pequeninim”. (...). Aí quando o governador veio inaugurar com a Festa da Água, aí num faltou mais água não, graças a Deus.

Conclusão

Durante esta exposição enfocamos como a água foi um importante elemento causador de interação entre os primeiros moradores do Conjunto Habitacional Prefeito José Walter. Dedicamos-nos também a compreender que elementos (experiências anteriores, conhecimentos compartilhados, o próprio espaço) fizeram com que estas pessoas pudessem desenvolver meios para tentar solucionar o problema de abastecimento de água, tendo como principal exemplo, a construção de cacimbas. Estas só foram possíveis porque sua construção e/ou utilização já faziam parte do universo de conhecimento daqueles moradores. É possível, certamente, que pessoas que não tinham tal conhecimento antes de morarem no Conjunto tenham, a partir da troca de experiências, construído e/ou utilizado as cacimbas. No entanto, parece que estas, quando tinham possibilidade, devido à todos os problemas do lugar, dentre eles o da água, preferiam desistir do financiamento, devolvendo a chave de sua casa para a COHAB e indo morar em outro canto da cidade provido de regular infra-estrutura. Evidentemente, que estes moradores constituíam uma minoria no Conjunto. A grande maioria teve que elaborar modos de conviver com tais adversidades, compreender como este processo se dava é o principal objetivo da pesquisa em curso.

Bibliografia:

BARROS, José D’Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

HANKE, Michael. *A noção de sociabilidade: implicações nos estudos da comunicação*. XI Compós: Rio de Janeiro, 2002. Disponível em:

http://www.compos.org.br/data/biblioteca_744.pdf

HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura: Aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações de divertimentos*. Lisboa: Editorial Presença, 1973. (Coleção Questões). P.15 a 155.

¹² Entrevista com o Sr. José Edson Medeiros, 55 anos, em 24/06/2008, nascido no Sítio São Jorge e morador do José Walter.

¹³ Colônia de Férias do Empregados da Coelce na praia da Abreolândia.

MENDRAS, Henri. *Sociedades Camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1978.

RIOS, Kênia Sousa. *Sobre água e outras correntezas: memórias da seca no Ceará*. In: Cadernos do CEOM – Chapecó: Argos, 2003. n.17.

SANT'ANNA, Denise B. . *O corpo na cidade das águas: São Paulo (1840-1910)*. Projeto História, São Paulo, v. 25, p. 99-114, 2002.

SANTIAGO, Pádua. *A cidade como utopia e a favela como Espaço Estratégico na Inserção na Cultura Urbana (1856-1930)*. In: Trajetos. Revista do Programa de Pós-graduação em História Social e do departamento de História da Universidade Federal do Ceará. – v.1, n.2 (jun. 2002) – Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2002. p. 120.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. 7 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. (Coleção Milton Santos; 8).